

A VOZ CRÍTICA DA PERSONAGEM EMÍLIA

Amanda Alves do Amaral

Faculdade Unida de Suzano - UNISUZ

Resumo:

Impossível falar da literatura infantil brasileira sem pensar na figura de Monteiro Lobato. O autor que foi pioneiro em escrever livros para crianças e jovens no país revolucionou a forma de pensar as histórias para esse público, contudo, através dos anos, sua obra sofreu e segue sofrendo no país demonstrações de censura por parte do governo e de promotores de leitura. A maioria destas manifestações refere-se à figura da boneca Emília, personagem considerada por alguns estudiosos como alter ego do autor. Emília foi uma das personagens mais bem escritas da literatura e, por isso, este estudo analisa sua construção, tratando de responder perguntas como, “Por que esta personagem incomoda os adultos a ponto de censurarem a obra de seu autor?”

Palavras-chave:

Monteiro Lobato – Emília – Literatura infantil brasileira

Resumen:

Imposible hablar de la literatura infantil en Brasil sin pensar en la figura de Monteiro Lobato. El autor que fue pionero en escribir libros para niños y jóvenes en el país revolucionó la forma de pensar los textos para este público, sin embargo, a través de los años, su obra sufrió y sigue sufriendo en lo país demostraciones de censura por parte del gobierno y de promotores de lectura. La mayoría de estas manifestaciones se refiere a la figura de la muñeca Emilia, personaje considerado por muchos estudiosos como alter ego del autor. Emilia fue una de las personajes mejor escritas en la literatura y, por eso, ese estudio analiza su construcción, tratando de responder a preguntas como, “¿Por qué esta personaje incomoda los adultos a punto de censuraren la obra de su autor?”

A literatura infantil atinge o estatuto de arte literária e se distancia de sua origem comprometida com a pedagogia, quando apresenta textos de valor artístico a seus pequenos leitores; e não é porque estes ainda não alcançaram o status de adultos que merecem uma produção literária menor.

(Zilberman, 2003, p.26)

A história da literatura infantil mundial e brasileira, esteve sempre intimamente ligada com os processos de escolarização, mas como aponta

Zilberman, este tipo de literatura só pode ser considerado como arte literária quando se distancia da função formadora a que ela várias vezes foi relacionada. Para isso, ela

deve ser produzida sob um olhar de criação artística, provocando certo estranhamento, apresentando uma mensagem original e assegurando um caráter permanentemente renovador. “A literatura infantil é, antes de tudo literatura; ou melhor é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra” (Coelho, 2000, p.27). De acordo com Candido (2004), por atuar no subconsciente e no inconsciente, a literatura é indispensável para a humanização, pois confirma no homem traços essencialmente humanos,

Como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. (p.180, 2004)

Dessa forma, a literatura infantil, assim como a literatura em geral, parece ser melhor realizada quando escapa de preocupações pedagógicas, quando é pensada e criada como arte, proporcionando ao leitor um processo de prazer, de fruição, deflagrando uma relação outra com o mundo. Além disso, em muitos casos propicia, também, uma reflexão crítica sobre as convenções, normas e valores aceitos culturalmente. Pois, “a arte ao mesmo tempo que é

encantamento, magia, é também denunciadora. Através dela o artista crítica e reinventa o mundo, liberando suas potencialidades” (Sandroni, 2011, p.107).

Entretanto, a produção de livros de literatura infantil no Brasil, em sua maioria, está longe de ser assim. A própria expressão “literatura infantil” é cercada ainda de preconceitos, por delimitar a quem a obra deste estilo se destina. Sendo assim, esta modalidade literária costuma ser encarada, muitas vezes, como uma produção cultural menor e inferior. A expressão relaciona-se logo com livros com muitas imagens coloridas e poucos textos, produzidos com a finalidade de agradar os adultos que adquirem estes livros para as crianças e que, em muitos casos, apresentam segurança em oferecer a seus filhos ou alunos somente materiais em que o foco pedagógico apareça como destaque. Infelizmente, ainda podemos notar em livrarias, bibliotecas e escolas do país, a circulação de livros comprometidos com a dominação da infância e com objetivos unicamente didáticos, comprovando que até hoje a literatura infantil permanece relacionada a uma má pedagogia, em que o que prevalece são as “boas intenções didáticas”.

Para Hunt (2010, p.37) “a literatura infantil é diferente, mas não menor que as

outras. Suas características singulares exigem uma poética singular.” Uma poética que ofereça as crianças uma história atraente, bem humorada, mas que ao mesmo tempo possa estimular-lhes a consciência crítica em relação aos novos e velhos valores sociais.

Não existem diferenças, do ponto de vista estético, entre a obra literária destinada a adultos e aquela escrita para crianças. As pretensões didáticas e moralistas dos primeiros tempos da literatura infantojuvenil ainda sobrevivem, mas hoje alinham-se a um número cada vez mais significativo de textos cuja função lúdica está aliada a uma visão questionadora de falsos valores e comportamentos característicos da sociedade contemporânea. (Sandroni, 2011, p.15)

Para que um livro infantojuvenil possa ser considerado com valor literário, ele precisa antes de mais nada ser criativo, explorar diferentes formas de linguagem, interrogar as normas estabelecidas socialmente, impulsionando uma postura crítica do leitor frente às situações da realidade. Assim, “para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar *ou transformar a consciência crítica* de seu leitor/receptor” (Coelho, 2000, p.29).

Outro ponto que parece consensual entre críticos como Peter Hunt, Nelly Novaes Coelho, Antonio Candido, Regina Zilberman, Teresa Colomer e outros, e que está relacionado à produção literária para

crianças, é a consideração da literatura como uma das mais importantes artes, relacionando a palavra e o pensamento como características determinantes dos seres humanos. Parece “fora de qualquer dúvida que nenhuma outra *forma de ler o mundo dos homens* é tão eficaz e rica quanto a que a literatura permite” (Coelho, 2000, p.15).

Por acreditarmos nessas premissas aqui levantadas, analisamos algumas das obras produzidas por um dos mais importantes escritores brasileiros de literatura infantil, Monteiro Lobato, que foi o precursor desse novo olhar para uma literatura feita para crianças, focamos ainda nossas análises na figura da personagem Emília e sua voz crítica. Lobato soube com maestria estabelecer uma construção literária complexa e procurou “transformar a literatura na *aventura espiritual* que toda verdadeira criação literária deve ser” (Coelho, 2000, p.47),

Cria, entre nós, uma estética da literatura infantil (...). Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (Cademartori, 2007, p.51)

José Bento Monteiro Lobato nasceu na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo no ano de 1882. Filho de José Bento Marcondes Lobato e Olympia Monteiro Lobato passou grande parte de sua infância subindo em árvores e pescando no riacho. Porém, não dispensava uma boa leitura e, desde muito pequeno, já se interessava em escrever, sendo redator dos jornais dos colégios que frequentou. Em 1900 entra para a faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, formando-se quatro anos depois, mas não atuando como advogado. Casa-se em 1908 com Maria da Pureza Natividade, mais conhecida como Purezinha e, em 1914, escreve o conto *Urupês* para o jornal O Estado de São Paulo. O conto em que aparece pela primeira vez o personagem símbolo de sua obra, Jeca Tatu, “o coloca imediatamente entre os grandes escritores brasileiros” (Sandroni 2011: 49). Animado com o sucesso de seu conto, quatro anos mais tarde, Lobato torna-se editor, o primeiro de autores nacionais. Um pouco antes disso, aproximadamente no ano de 1916 troca uma série de confidências por meio de cartas com seu amigo Godofredo Rangel, onde demonstra claramente seu anseio de modificar a realidade da literatura destinada ao público infantil, tomando-a como “besta” e de enorme

pobreza e dizendo que não consegue encontrar algo de qualidade neste campo para oferecer a seus filhos. Dessa forma, em 1920 escreve seu primeiro livro para crianças *A menina do narizinho arrebitado* que mais tarde passa a se chamar *Reinações de Narizinho*. Nessa obra, Lobato coloca em cena uma dura crítica aos livros de adaptações até então comercializados no país e destinados às crianças, como o famoso *Contos da Carochinha* de Figueiredo Pimentel.

Velha coroca é vosmecê, e tão implicante que ninguém mais quer saber das suas histórias emboloradas. A menina do narizinho arrebitado sou eu, mas fique sabendo que é mentira que eu haja desencaminhado o Pequeno Polegar, aconselhando-o a fugir. Nunca tive essa “bela ideia”, mas agora vou aconselhá-lo, a ele e a todos os mais, a fugirem dos seus livros bolorentos, sabe? (Lobato 2008: 19)

Neste trecho, Lobato utiliza-se da personagem que dá nome a sua obra para falar, em um diálogo com Dona Carochinha, sobre a realidade da literatura nacional e criticar as convenções literárias já desgastadas, mas que ainda eram comercializadas na época. Em um trecho seguinte do mesmo livro utiliza-se de outro personagem para novamente validar suas críticas a respeito da literatura infantil brasileira daquele tempo,

Se Polegar fugiu é que a história está embolorada. Se a história está embolorada, temos de botá-la fora e compor outra. Há muito tempo ando com esta ideia – fazer todos os personagens fugirem das velhas histórias para virem aqui combinar conosco outras aventuras. Que lindo, não? (Ibid. 2008: 52)

Monteiro Lobato, por meio da voz de Pedrinho, demonstra às crianças que elas, com sua inteligência e criatividade, podem e devem compor ou ler novas histórias, não necessitando ficar à mercê da opinião ou criação dos adultos que as depreciavam e infantilizavam. Para ele infância era sinônimo de curiosidade e respeito da vida, um estado de espírito.

É com a obra *Reinações de Narizinho* que Lobato dá o passo mais concreto na efetivação de uma literatura infantil nacional que promovesse aos leitores momentos de imaginação e devaneios poéticos, fazendo das crianças interlocutoras ao abordar temas complexos como política, ciência e guerras.

Com Lobato, os pequenos leitores adquirem consciência crítica e conhecimento de inúmeros problemas concretos do país e da humanidade em geral. Ele desmistifica a moral tradicional e prega a verdade individual. Instaura, portanto, a liberdade. Sem coleiras, pensando por si mesma, a criança vê, num mundo onde não há limites entre realidade e fantasia, que ela pode ser agente de transformação. (Sandroni 2011: 54)

Podemos notar essa busca pela consciência crítica das crianças em muitas

partes dos livros escritos por ele, como nesta em que Narizinho e Emília conversam sobre a organização do reino das abelhas,

Já reparou, Emília, como é bem-arrumado este reino? Uma verdadeira maravilha de ordem, economia e inteligência! (...) O que admiro é como as abelhas sabem aproveitar o espaço. Como sabem economizar a cera, tudo dispendo de modo que a colmeia funcione como se fosse um relógio. Ah, se no nosso reino também fosse assim... Aqui não há pobres nem ricos. Não se vê um aleijado, um cego, um tuberculoso. Todos trabalham, felizes e contentes. (Lobato 2008: 66)

Aqui ele deixa claro o que pensa a respeito de uma literatura de qualidade para as crianças, transformando-as não só em suas interlocutoras, mas dando a elas uma “liberdade em relação às ideias assentes sobre o mundo.” (Sandroni 2011: 54). Em sua obra o leitor tem a possibilidade de participar dos problemas reais da sociedade por meio do faz-de-conta, esta é outra de suas invenções. Contudo, é imperativo dizer “que em Lobato a fantasia é sempre uma forma de iluminar a realidade, nunca alienante” (Ibid 2011: 60). Como no comentário que uma das abelhas operárias faz a Narizinho em sua visita ao reino das abelhas,

Olhe, menina, lá no reino dos homens costumam falar muito em felicidade, mas fique certa de que felicidade só aqui. Cada uma de nós é feliz porque todas somos

felizes. Lá não sei como pode alguém ser feliz sabendo que há tantos infelizes em redor de si!

Narizinho e Emília ficaram tristes. Que pena serem gente e não poderem transformar-se em abelhas para morar numa colmeia. (Lobato, 2008, p.67)

Ele aborda os problemas da realidade, mas sempre dentro do faz-de-conta. Dessa forma, foi considerado renovador. Monteiro Lobato foi um autor comprometido com as dificuldades sociais de seu tempo e tinha nas crianças a esperança de um Brasil melhor. Assim, trouxe para a literatura infantil uma fonte de reflexão, crítica e questionamento, dando liberdade de pensamento às crianças por meio de seus personagens e censurando o pensamento e atitudes dos adultos. Em outro fragmento dessa obra diz: Narizinho,

Viu que a fala de Emília ainda não estava bem ajustada, coisa que só o tempo poderia conseguir. Viu também que era de gênio teimoso e asneirenta por natureza, pensando a respeito de tudo de um modo especial todo seu. “Melhor que seja assim”, filosofou Narizinho. “As ideias de vovó e Tia Nastácia a respeito de tudo são tão sabidas que a gente já as adivinha antes que elas abram a boca. As ideias de Emília hão de ser sempre novidades”. (Ibid 2008: 32)

Neste trecho, demonstra com ironia sua aversão ao pensamento previsível e controlador dos adultos, assim como no próximo em que satiriza o conhecimento puramente científico. “O nosso Visconde já

andava meio maluco com as suas manias de sábio. Ficou tão científico, que ninguém mais o entendia.” (Ibid 2008: 119). Para ele, valia muito mais a espontaneidade das crianças, a criatividade e a curiosidade natural. Seu pensamento rompia com o que era ditado em sua época. De acordo com Sandroni (2011), foi por meio de sua personagem Emília que Lobato colocou para o país seus pontos de vista, denunciando os absurdos do mundo civilizado. “Emília tem a mania de ser franca. Nunca viveu em sociedade e ainda não sabe mentir. Não é aqui como o nosso Visconde de Sabugosa, que fala, fala e ninguém sabe nunca o que ele realmente está pensando.” (Lobato 2008: 85).

Emília ou Marquesa de Rabicó, como ficou conhecida em algumas das histórias do sítio, nasceu junto com a primeira obra infantil do Monteiro Lobato, *A menina do narizinho arrebitado*.

Quando, ao escrever a história de Narizinho, lá naquele escritório da rua Boa Vista, me caiu do bico da pena uma boneca de pano muito feia e muda, bem longe estava eu de supor que iria ser o germe da encantadora rainha mabe do meu outono. (Lobato apud Acioli 2014: 73)

A personagem que até então não seria destaque na obra de Lobato foi ganhando forma na composição do primeiro livro e passou a ser uma das mais

importantes personagens criadas por ele, fonte de referência para a compreensão do universo lobatiano. Foi por intermédio dela que Lobato fez as suas maiores críticas a respeito de temas até então considerados tabus no universo infantil como Filosofia, Capitalismo, Mundo das aparências, ideias dos adultos sobre o mundo, entre tantos outros. Em muitas de suas correspondências com o amigo Godofredo Rangel, o autor fala sobre a relevância da boneca e a força de sua construção.

Emília começou como uma feia boneca de pano (...). Mas rapidamente evoluiu (...) e foi adquirindo uma tal independência que, não sei em qual livro, quando lhe perguntam: “Mas que você é, afinal de contas, Emília?” ela respondeu de queixinho empinado: “Eu sou a Independência ou Morte!”. E é. Tão independente que nem eu, seu pai, consigo dominá-la. Quando escrevo um desses livros, ela me entra nos dois dedos que batem as teclas e diz o que quer, não o que eu quero. Cada vez mais Emília é o que quer ser, e não o que eu quero que ela seja. Fez de mim um “aparelho”. (Lobato apud Acioli 2014: 74/75)

Monteiro Lobato e Emília em muitos momentos foram um só, é como se o autor conferisse vida própria a ela, como se para ele a boneca realmente existisse. Dessa forma, emprestou a voz literária da personagem para trazer a tona tudo o que pensava e por razões pessoais não dizia utilizando-se de sua própria voz. Para Acioli (2014), “Emília sempre foi uma

defensora das ideias de Lobato”, a personagem é a própria personalidade lobatiana, sendo boneca e não gente tinha maior liberdade para demonstrar sem reservas os pensamentos do autor, além de questões típicas do universo infantil como o egocentrismo, a birra, rebeldia, teimosia, curiosidade e pitadas de uma maldade ingênua.

Emília é uma criaturinha incompreensível. Faz coisas de louca, e também faz coisas que até espantam a gente, de tão sensatas. Diz asneiras enormes, e também coisas tão sábias que Dona Benta fica a pensar. Têm saídas para tudo. Não se aperta, não se atrapalha. E em matéria de esperteza não existe outra no mundo. (Lobato, 2007, p.75)

Assim sendo, nessa relação entre criador e criatura, Lobato “rompe, pela raiz, com as convenções estereotipadas e abre as portas para as novas ideias e formas que o novo século exigia” (Coelho 2010: 247). Utilizando-se da ironia e humor, o autor eliminou sentimentalidades e criticou moralidades em sua obra para crianças, fatores que provocaram uma reação negativa em muitos adultos como pais e educadores, que se achavam na função de orientar e ensinar as crianças. Como se as mensagens ou ideias abordadas nas histórias do sítio fossem extremamente perigosas ao pensamento infantil, pois colocavam em destaque coisas que até

então nunca tinham sido ditas ou mostradas nesse universo (ver alguns exemplos no anexo 1). Contudo, muito do que ele escreveu e Emília disse de forma crítica, acabou sendo entendido de maneira radical e sua obra sofreu diante de situações de censura e, que fique claro, até hoje vem sofrendo.

Monteiro Lobato foi o precursor da literatura infantil brasileira ou talvez a tenha inaugurado como um sistema no país. Em 1926, escreve para o amigo Rangel uma de suas frases mais famosas “Mas para as crianças um livro é todo um mundo. (...) Ainda acabo fazendo livros onde nossas crianças possam morar” (Lobato 1926 apud Coelho 2010: 250). E foi isso que ele fez! Criou um lugar mágico, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, onde crianças de várias gerações gostariam de morar, deu vida a personagens magníficos cheios de história para contar e com quem gostaríamos de conviver, principalmente com a boneca mais viva e esperta de todas, Emília. Utilizou uma linguagem original, viva e bem humorada, desmascarou os falsos valores pregados na época, ou seja, inovou de todas as formas possíveis e brincou com a nossa literatura infantil como jamais alguém fez. “Monteiro Lobato foi o primeiro escritor brasileiro a acreditar na inteligência da criança, na sua

curiosidade intelectual e capacidade de compreensão” (Sandroni 2011: 61). Com esse olhar reformulou a literatura infantil brasileira, rompendo com a tradição literária destinada as crianças e jovens de sua época.

Se assim é, e a conclusão parece inquestionável, resulta comprometida a tarefa que ele se dispôs a realizar: a de criação de uma obra para crianças fundada num tempo e espaço determinados, o do Brasil de sua época, rompendo com um tipo de literatura até então consumida pela infância. (Zilberman 2003: 158)

Não foi à toa que conquistou além de milhões de admiradores, seguidores, que baseados em suas invenções, também escreveram livros de enorme qualidade para as crianças do Brasil, entre eles Clarice Lispector, Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado. Mas fez mais, eternizou na literatura infantil do país uma das melhores personagens já construídas na literatura infantil mundial. “Personagem é uma coisa muito mais que gente, porque gente morre e os personagens não morrem, são imortais, eternos” (Acioli apud Lobato 2014: 7), Lobato nos deixou uma preciosidade, a personagem mais viva que já se viu. Portanto, é imprescindível que os adultos voltem a olhar para a Emília com os olhos das crianças, afinal, como ela mesmo nos diz “depois dos homens virão as bonecas.

Eu já sou uma amostra do que está por vir”
(Acioli apud Lobato 2014: 78).

ANEXO – FRASES DA BONECA EMÍLIA

“Bem sei que tudo na vida não passa de mentiras, e sei também que é nas memórias que os homens mentem mais. Quem escreve memórias arruma as coisas do jeito que o leitor fique fazendo uma alta ideia do escrevedor. Mas para isso ele não pode dizer a verdade, porque senão o leitor fica vendo que era um homem igual aos outros. (Lobato 2007: 12)”

“Depois que morre vira hipótese. É ou não é? (Lobato 2007: 17)”

“Aprendi o grande segredo da vida dos homens na terra: a esperteza! Ser esperto é tudo. O mundo é dos espertos. (Lobato 2007: 64)”

“Eu era uma criaturinha feliz enquanto não sabia ler e portanto não lia os jornais. Depois que aprendi a ler e comecei a ler os jornais, comecei a ficar triste. Comecei a ver como é na realidade o mundo. Tanta guerra, tantos crimes, tantas perseguições, tantos desastres, tanta miséria, tanto sofrimento... (Lobato 2007: 89)”

“ – Nós precisamos endireitar o mundo, Pedrinho.

- Nós quem, Emília?
- Nós, crianças; nós que temos imaginação. Dos “adultos” nada há a esperar... (Acioli apud Lobato 2014: 48)”

“Acham asneira tudo quanto eu falo – mas nos momentos de aperto quem salva a situação é sempre a asneirenta. Só uma coisa eu digo: se eu fosse refazer o mundo, ele ficava muito mais direito e interessante do que é. Os homens são todos uns sábios da Grécia, mas o mundo anda cada vez mais torto. Juro que com isso que chamam asneira eu transformava a terra num paraíso... (Acioli apud Lobato 2014: 88)”

Referências

ACIOLI, Socorro. **Emília**: uma biografia não autorizada da Marquesa de Rabicó. 1. ed. Rio de Janeiro, RJ: Casa da palavra, 2014.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise e didática. 1. ed. São Paulo, SP: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da Literatura Infantil/Juvenil: das origens indo-europeias ao Brasil contemporâneo.** 5. ed. Barueri, SP: Manole, 2010.

HUNT, Peter. **Crítica, teoria e literatura infantil.** São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LOBATO, Monteiro. **Memórias de Emília.** São Paulo: Globo, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho: volume 1.** 2. ed. São Paulo: Globo, 2008.

SANDRONI, Laura. **De Lobato a Bojunga: As reinações renovadas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

Informação sobre a autora:

Amanda Alves do Amaral

Especialista em Literatura Infantil e Juvenil pela Universidade Autônoma de Barcelona e em Alfabetização pelo Instituto Vera Cruz, Professora Alfabetizadora e de Oficina Literária para crianças e adolescentes na cidade de Mogi das Cruzes e docente no curso de Pedagogia da Universidade de Suzano em São Paulo. Promotora de leitura e criadora da empresa Encontro de leitores, site de assinatura e consultoria de livros.